

# Alfredo Veiga-Neto:

Modos de ser e pensar  
junto com **Michel Foucault**

Organizadores:  
Clarice Salete Traversini  
Elí Terezinha Henn Fabris  
Haroldo de Resende  
Sílvio Gallo

**Clarice Saete Traversini  
Elí Terezinha Henn Fabris  
Haroldo de Resende  
Sílvio Gallo  
(Organizadores)**

**Alfredo Veiga-Neto:  
modos de ser e pensar junto  
com Michel Foucault**

## Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Clarice Salete Traversini; Elí Terezinha Henn Fabris; Haroldo de Resende; Sívio Gallo [Orgs.]**

**Alfredo Veiga-Neto: modos de ser e pensar junto com Michel Foucault.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 531p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-85-7993-894-8 [Impresso]**

**978-85-7993-895-5 [Digital]**

1. Alfredo Veiga-Neto. 2. Michel Foucault. 3. Análise do Discurso. 4. Ler e pensar. 5. Homenagem. I. Título.

---

CDD – 410

**Capa:** Petricor Design

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

### **Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2022

***E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho:***  
**rabiscos de estudos sobre juventudes contemporâneas –**  
**uma homenagem à Alfredo Veiga-Neto**

Elisabete Maria Garbin\*

[...] *E foste um difícil começo, afasto o que não  
conheço e quem vende outro sonho feliz de cidade,  
aprende depressa a chamar-te de realidade [...]*<sup>1</sup>

Escutei os excertos acima – incluindo a frase inicial do título deste artigo<sup>2</sup> –, da letra da canção intitulada ‘Sampa’ de Caetano Veloso, nos anos 2000, enquanto aluna do doutorado do Programa de Pós graduação da Faculdade de Educação da UFRGS, verbalizados (na minha memória musical, cantados) no início de uma aula sobre estudos foucaultianos ministrada pelo hoje colega Alfredo Veiga-Neto; disciplina essa que tinha uma densa carga de leituras, para mim, na época, totalmente desconhecidas. No momento em que Veiga-Neto proferia os excertos da letra de ‘Sampa’, nos dando o recado de que tínhamos uma densa carga de

---

\*Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup> Excertos da letra da canção *Sampa*, de Caetano Veloso. Lançada no álbum *Muito – dentro da estrela azulada*, é uma homenagem a cidade paulistana, pois foi composta para um programa de TV no aniversário de São Paulo em 1978, capital conhecida por sua garoa característica e pela recepção de um grande número de migrantes, em especial os baianos, como o próprio Caetano.

<sup>2</sup> Este artigo, em homenagem ao colega Alfredo Veiga-Neto, resulta de um recorte adaptado de minha Tese de Doutorado, intitulada *www.identidademusicaais juvenis.com.br - um estudo de chats sobre música da Internet*, defendida em 2001 junto ao Programa de Pós graduação em Educação da UFRGS, na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação e também da adaptação do capítulo *Cenas Juvenis em Porto Alegre: ‘Lugarizações’, nomadismos e estilos como marcas identitárias*, do livro organizado por SOMMER e BUJES (Orgs.), no livro *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. (p. 199-215). Informações completas no item Referências deste artigo.

leituras e que não seria fácil mergulhar nos estudos foucaultianos, sério, muito sério, frente a um grande número de alunos eu, mergulhada em minha tese sobre juventudes, internet e música, tentava entender o significado de fato de tudo aquilo e confesso, mesmo com todo o didatismo e competência do professor Alfredo em ajudar a decifrar e entender os escritos de Michel Foucault, para mim, ainda é ‘um difícil começo’, pois me sinto uma migrante nos estudos foucaultianos. Naveguei por outras ‘bandas teóricas’, a dos Estudos Culturais, misturando autores fundantes sobre o tema juventudes formando uma amálgama através de um cardápio teórico variado, porém, sem nunca perder de vista os escritos de Veiga-Neto – de qualquer ordem – sempre generosamente compartilhados pelo colega. Sempre os trouxe em minha rotina acadêmica, em minhas linhas e também os diluí nas disciplinas que ministrei e que venho ministrando durante os últimos vinte anos na Faculdade de Educação da UFRGS.

Elegi tecer, nas próximas linhas, recortes de minha tese de doutorado, defendida em 2001, que teceu argumentos contidos num tripé que reuniu internet, identidades juvenis e música; à época, um raro estudo nas academias. Junto a esse recorte, escolhi outro artigo de minha autoria que versa sobre cenas juvenis por que em ambos, evoco Veiga-Neto por várias vezes, através de seus estudos e escritos que, embora datados, são sempre atuais, independente do ano de sua publicação.

### ***A juventude é mais que uma palavra*<sup>3</sup> – pistas para discussão**

Lendo a afirmação *A juventude é mais que uma palavra*, percebe-se que, efetivamente, a palavra juventude encobre uma complexidade teórica que vem sendo discutida há décadas. Para autores estudiosos sobre o tema juventudes, sobre culturas juvenis, sobre juvenilização, entre outros nomes dados a jovens e suas

---

<sup>3</sup> Expressão original que intitula um artigo de Margulis (1996), adotada por Herschmann (2000), empregada, aqui, por achar extremamente cabível na temática que desenvolvo nestas linhas.

práticas culturais, como Margulis (1998, 2001a, 2001b), Valenzuela (1998), Abramo (1994), Herschmann (2000), Pais (1993), Feixa (1999), Dayrell (1999), dentre tantos outros, a juventude é um conceito esquivo, uma construção histórica e social, e não uma mera condição etária, ou seja, cada época e setor social postulam formas de ser jovem e em nenhum momento da história, em nenhum lugar, a juventude pode ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos. Assim sendo, infere-se que a juventude não é mais apenas um período entre a dependência infantil e a autonomia adulta, período recheado de 'inquietações', 'imaturidade' e 'florescimento mental' [grifos meus].

Segundo Margulis e Urresti (1998), é razoável que, ao se falar sobre 'juventude(s)', uma primeira aproximação evoque a idade. Idade e sexo têm sido utilizados em todas as sociedades como base de classificações sociais. "Juventude seria uma categoria etária e, portanto, um alvo fácil no plano das 'medições'"<sup>4</sup> (p.3). Ambos os autores admitem, porém, que as categorizações por idade já não são mais concebidas com atribuições uniformes e imprescindíveis, pelo contrário: tais categorizações têm características, comportamentos, horizontes de possibilidades e códigos culturais muito diferenciados nas sociedades atuais e, naquelas em que ainda existem, os prognósticos a respeito de seus lugares sociais têm se reduzido e os 'ritos de passagem' praticamente desaparecido. Existem diferentes maneiras de ser jovem no marco da heterogeneidade que se pode observar atualmente no plano econômico, social e cultural.

Veiga-Neto (2000a), escrevendo sobre "As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades..." assinala que,

como tema ou categoria [...] a idade não está e não "funciona" sozinha, isso é, ela não está (nem perto) isolada das demais categorias identitárias [...]. Existe uma teia de relações entre tais categorias [...], cujos marcadores se

---

<sup>4</sup> As traduções de Margulis, Urresti, Valenzuela e Feixa são de minha responsabilidade.

manifestam no ou pelo corpo, funcionam fortemente correlacionadas com a representação da idade" (VEIGA-NETO, 2000a, p.217).

Ou seja, a visão de uma adolescência intrínseca ou biologicamente constituída não se sustentaria.

Margulis e Urresti (1998) salientam que não há uma única juventude: "na cidade moderna as juventudes são múltiplas, variando em relação a características de classe, do lugar onde vivem e à geração a que pertencem" (p.3), como também em relação à diversidade, ao pluralismo e à explosão cultural dos últimos anos que se manifestam particularmente entre jovens e "que oferecem um panorama [...] variado e móvel que abarca seus comportamentos, referências identitárias, linguagens e formas de sociabilidade" (ibid., p.3). Por outro lado, de acordo com os autores, a condição de 'juventude' indicaria também, na sociedade atual, uma particular maneira de estar com a vida, abrangendo aspirações, modalidades éticas e estéticas, linguagens. É necessário também, ainda conforme os autores, chamar a atenção para o fato de que, para cada grupo, 'juventude' refere-se a certa classe de 'outros' – 'aqueles' que vivem próximos de nós com os quais interagimos cotidianamente, mas que estão como que 'separados' por barreiras cognitivas, 'abismos' culturais vinculados aos modos de perceber e apreciar o mundo que nos rodeia.

### ***É que Narciso acha feio o que não é espelho*<sup>5</sup> – algumas gotas sobre corpos e estéticas juvenis simbolizadas na mídia**

Parece-me que, no mercado de signos vigente nas sociedades urbanas e midiáticas atuais, aqueles que expressam temas sobre 'juventude' têm alto valor, bastando verificar, através da mídia, questões de estéticas femininas, por exemplo, vistas quase que como uma imposição na vida de uma mulher, estabelecendo-se a exigência de que ela 'pareça' jovem eternamente. O que se constata, segundo Margulis e Urresti (1998), é que a aparência física é um

---

<sup>5</sup> Vide Nota de Rodapé n. 2.

dos primeiros dados que o chamado senso comum registra quando se constrói intuitivamente o universo da juventude e "a estética, no sentido original grego de *aisthesis*, percepção, é o que predomina na primeira instância quando se trata de classificar esta categoria" (p.14); os autores, entretanto, admitem também que tal convenção estética vem mudando com o tempo, isto é, "os signos da juventude vigentes dos anos pós-guerra não coincidem com os dos anos 60, e menos ainda com os atuais: as formas e comportamentos típicos vão se renovando" (p.14-15).

Desde os anos 60, em função da expansão da mídia, principalmente em seus aspectos audiovisuais, tem havido um crescimento da indústria de lazer, na qual predomina a circulação de imagens ao lado de outras linguagens. Os canais informativos e de entretenimento como televisão e computadores conectados à internet, por exemplo, através de seus conteúdos, acabam por representar e até mesmo encenar a vida social. A extensão das indústrias de lazer envolve cidades, estados e países e vai formando, aos poucos, um circuito de imagens com as quais interagimos cotidianamente. Concomitantemente, foi se articulando, também, um processo que se constitui por características provenientes do mundo juvenil tais como 'regulações' estéticas, estilos de vida, consumos, gostos e preferências, *looks*, imagens e vestimentas que acabam por proporcionar aos jovens, espécies de 'sinais emblemáticos juvenis', legitimando-os como parte de uma época na qual os acontecimentos se multiplicam e gerando uma sensação de provisoriidade que se estende também às mediações massivas. Conforme Margulis e Urresti, "a sociedade da comunicação tem restringido notavelmente a dimensão da corporalidade no relacionamento intersubjetivo, reduzindo-a a suas superfícies e terminais como imagem, voz ou textos desprovidos de extensa ancoragem" (p.16). Por outro lado, os autores observam que os setores que pretendem se incluir na moda da 'juvenilização' enfraquecem os relatos de sua própria temporalidade, tornando-a menos densa e mais propícia a artifícios e simulacros. Assim, o

'juvenil' é algo que se pode adquirir, dando lugar a reciclagens do corpo e de imitação cultural. Mas por outro lado,

nem todos os jovens são juvenis no sentido de que não se assemelham aos modelos propiciados pelos meios ou pelas diferentes indústrias vinculadas com a produção e a comercialização de valores-signo que se relacionam com os significantes da distinção. Nem todos os jovens possuem o corpo legítimo, o *look* juvenil; este é patrimônio, principalmente, dos jovens de certos setores sociais que têm acesso a consumos valorizados e custosos no terreno da vestimenta, dos códigos do corpo ou nos de fala. Isso tem dado lugar a um certo empobrecimento em alguns usos da noção de juventude, que ao serem influenciados pelo auge da juvenilização no mercado de signos, levam a confundir a condição de juventude com o signo juventude, convertendo tal condição, que depende de diferentes variáveis, em atributo de um reduzido setor social (MARGULIS e URRESTI, 1998, p.5).

Comentando a citação acima, introduzo a observação de Veiga-Neto (2000a) que assinala:

mais do que em qualquer outro momento da história, vivemos numa época em que somos contínua e intensamente interpelados por marcadores identitários; vivemos numa época de proliferação das diferenças, em que os sentimentos de pertença são cambiantes e complexos, difíceis de capturar, descrever e analisar (VEIGA-NETO, 2000a, p.216).

Tais marcadores identitários de que fala o autor, parecem ser especialmente enfatizados para a juventude simbolizada na mídia, para a uma espécie de 'juventude signo'. Aqui pode-se trazer uma afirmação de Foucault: "O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo" (FOUCAULT, 2001a, p. 146). Talvez seja essa a principal razão para que Foucault (2002a) argumente ser inegável, em todas as camadas sociais e idades cronológicas, a determinação de uma forma social de controle sobre o corpo.

Segundo Pais (1993) as culturas juvenis são diferentemente concebidas por duas principais correntes teóricas: a geracional e a classista. Afirma o autor que "para a corrente geracional as culturas juvenis são culturas específicas de uma geração, a 'geração dos jovens' [grifo do autor]; para a corrente classista, as culturas juvenis devem ser entendidas como culturas de *classe*" [grifo do autor]

(ibid., p.89). Cumpre notar que, de acordo com o autor, para a corrente classista, a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais, quer em nível da divisão sexual do trabalho, quer, principalmente, em nível da condição social. Assim, as culturas juvenis [culturas de classe] teriam sempre um significado político, manifestado através da capacidade de resistência manifestada pela moda, pela linguagem, pela música, pelas práticas de consumo. Retomo Veiga-Neto (2000a) que afirma “não basta simplesmente declararmos que somos todos diferentes, que cada um tem a sua identidade etária e que, portanto, cada um procure seu respectivo grupo [...] porque é nas situações práticas que isso se complica” (p.222).

Levi e Schmitt (1996) evidenciam traços marcadamente limítrofes – entre as realidades biológicas e papéis sociais – que caracterizam a juventude. O que entendo, baseada em argumentos de Veiga-Neto, é que a juventude não era ‘antes’ biológica e ‘hoje’ cultural. Entendo que são as duas ‘hoje’. Conforme Levi e Schmitt (1996), a “juventude, em nenhum lugar, em nenhum momento da história, poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos” (p.14).

### ***Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso*<sup>6</sup> – lugares e lugarizações nas cenas juvenis**

Falar de juventudes e/ou de ‘outras’ juventudes não é algo que se possa fazer a partir de abordagens geracionais nem generalistas pelo fato destas serem fluidas e cambiantes, por transbordarem pelos poros da metrópole (CANEVACCI, 2005) e, especialmente pela liquidez da metáfora/ tema/conceito/condição de ‘juventude’. Assim, assumo que não pretendo, neste artigo, reescrever a história dos jovens – até porque não é possível encontrar *uma* história da juventude e, sim, *histórias* que dizem respeito a jovens, juventudes – tampouco encontrar uma única definição apropriada, profícua para todas as épocas.

---

<sup>6</sup> Vide Nota de Rodapé n. 2.

Dessa forma, parto de duas premissas: a primeira é de que é tácito, na contemporaneidade, que a condição de ‘ser jovem’ já não pode ser pensada fora do contexto histórico e social [e cultural] e, além disso, deve ser compreendida como comunidades de estilos atravessadas por identidades de pertencimento (GARBIN, 2006); logo, percebemo-nos atualmente como sujeitos de uma condição cultural que através de inúmeros investimentos modifica, transforma e constitui diferentes maneiras de ser e estar no mundo. A segunda premissa diz respeito ao fato de que na contemporaneidade é possível visibilizar múltiplos espaços nos quais jovens vêm sendo constantemente alvo de investimentos de práticas culturais; assim ‘ser jovem’ numa leitura atual, é dizer que se é dono de uma identidade juvenil, ou seja, é ‘assumir’ uma prática cultural e social<sup>7</sup>.

Feixa (1999), analisa as culturas juvenis desde *duas perspectivas*: no plano das *condições sociais* e no plano das *imagens culturais*. A *primeira* diz respeito ao conjunto de direitos e obrigações que definem a identidade de um jovem como parte de uma estrutura social determinada e constituída pelas condições de gênero, classe, etnia e território. Já a *segunda perspectiva* se refere ao conjunto de bens simbólicos e ideológicos criados ou apropriados pelos jovens os quais se traduzem em estilos que podem ser expressos através da moda, da música, das linguagens e das práticas [culturais e sociais] (FEIXA, 1999). E é nesta perspectiva – que não exclui a primeira – que se destacam, atualmente, cenas juvenis em determinados ‘lugares’, ‘lugarizações’ ou ‘ilhas urbanas’ ocupadas [temporariamente] por jovens, em qualquer lugar do mundo. Cabe aqui pontuar desde que ‘lugar’ estou utilizando a palavra ‘lugarizações’ (termo cunhado por Veiga-Neto, (2002, 2003), o qual

---

<sup>7</sup> Assumo a condição de Práticas Sociais e Culturais apoiada em Hall (1997, p.33), quando tematiza sobre a centralidade da cultura e afirma que “a cultura é uma das condições constitutivas de existência de toda prática social e toda prática social tem uma dimensão cultural”.

não existe em dicionários de língua portuguesa), aqui entendida com base nas argumentações do referido autor quando nos lembra que:

Na Modernidade, o espaço e o tempo são percebidos, significados e usados como abstratos, contínuos e infinitos; além disso, a separação medieval entre um *espaço interno* (rígido, sensorial, de todo percorrível) e o *espaço externo* (fluido, desconhecido, misterioso) deu lugar a uma nova separação: entre *espaço* e *lugar*. Na Modernidade, chamamos de *lugar* a esse cenário onde acontecem nossas experiências concretas e imediatas; o lugar é cada vez mais entendido e vivido como um caso particular, uma projeção, de um espaço idealizado e abstrato. (VEIGA-NETO, 2003, p.85).

Assim, 'lugar', 'lugares' e 'lugarizações', ou mesmo 'ilhas urbanas', referem-se a "uma porção culturalizada do espaço, isso é, um espaço ao qual se atribui (culturalmente, ou seja, por meio da prática e de marcadores culturais) determinados significados que, de certa maneira, acabam conferindo uma identidade a tal espaço" (VEIGA-NETO, 2006, s/p). *Valho-me também de Veiga-Neto (2002), quando aponta que "o que passa a contar, cada vez mais, é a capacidade de criar novos lugares no espaço e de trocar de lugar para lugar, isso é, o que mais importa é a capacidade de 'lugarização' e de mobilização"* (p. 173). E isso pode ser constatado nos nomadismos incansáveis dos jovens observados de lá para cá, de cá para lá, incessantemente, comumente em seus fins de semana.

Para Almeida e Tracy (2003) "o nômade se distribui num espaço; ele ocupa, habita, mantém esse espaço, e aí reside seu princípio territorial" (p. 41). Em outras palavras, estou chamando os 'lugares ocupados' pelos jovens observados como espaços identificados, ou seja, arrisco assumir que seriam os lugares onde tais jovens fazem investimentos de identidade, formando comunidades e, nessas comunidades, as relações que, em grande maioria, se estabelecem através da internet enquanto espaço onde se conhecem, tomam conhecimento de outros e marcam seus encontros presenciais. Lugar onde as identidades se constituem, negociam umas com as outras, se aproximam, se identificam,

atravessando distâncias geográficas reais, etnias, na busca de similaridades 'tribais'.

***Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto – Os anos nos têm e nos fazem***<sup>8</sup>

Mesmo concordando com Abreu (1997), quando esta afirma que “não é a idade, assim, que define a geração, são as experiências em comum, [...] cada geração se define por um acontecimento ou uma série de acontecimentos” (p.184), registro que o que se percebe, nas práticas culturais juvenis observadas em pesquisas, é o protagonismo na identificação etária, funcionando, talvez, como uma etiqueta de pertencimento. O adolescente, de acordo com Calligaris (2000), na procura do reconhecimento,

é culturalmente seduzido a se engajar por caminhos tortuosos onde, paradoxalmente, ele se marginaliza logo no momento em que viria a se integrar [...], pois o que lhe é proposto é tentar, ou melhor, forçar sua integração justamente se opondo às regras da comunidade (CALLIGARIS, 2000, p.33).

O autor também destaca algumas linhas de conduta, consequentes das visões externas, através das quais se organizaria o comportamento dos adolescentes: o adolescente gregário, o delinquente, o toxicômano, o adolescente que se enfeia e o adolescente barulhento.

Retomando as linhas de conduta sugeridas por Calligaris, trago o adolescente que se enfeia e seria aquele que procura, num padrão estético interno, desafiar, contradizer os cânones estéticos dos adultos. “A ‘feiúra’ é também uma espécie de exibicionismo escancarado, a proposta de um erotismo fora da norma, a promessa de uma armadilha sexual que não se preocupa em passar pelos ícones socialmente aceitos pela desejabilidade” (CALLIGARIS, 2000, p.46). O adolescente barulhento, por sua vez, de acordo com a organização do autor, vem a ser aquele que os adultos criticam

---

<sup>8</sup> Citação de Lloret, 1998, p.14.

sempre – são os tientes, os adutores de seus ídolos, aqueles que ouvem suas canções prediletas a todo volume, perturbando familiares e vizinhanças como que num grito de “*eu não vivo, eu arrebento!!*”, que gostam de usar e consumir marcas em suas roupas, são aqueles que gritam em favor de seus ídolos ou canções preferidas ou repelindo aquilo que não gostam, são aqueles que imitam seus astros e estrelas, que arrumam uma identidade para si imitando astros personagens. No entanto, o autor nos aponta que tais adolescentes, em todas as suas tentativas de desafiar e provocar, se deparam com uma dificuldade: “por mais que invente maneiras de se enfeiar, de se distanciar do cânone estético e comportamental dos adultos, a cada vez, [...] a cultura parece encontrar jeitos de idealizar essas maneiras, de transformá-las em comportamentos aceitos até desejáveis e invejáveis” (p.53).

Aqui pode-se evocar o pressuposto ou descoberta do corpo na genealogia de Michel Foucault (2001), pois para o autor, o poder intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micropoder ou subpoder (FOUCAULT 2001, p. xii).

Encaixotar, enquadrar, etiquetar... Há muitas outras maneiras de categorizarmos a juventude. Sem dúvida, a mídia dirigida aos jovens, através do cinema, da música, da publicidade, das redes sociais da internet, diverte e, paralelamente, recria figuras e modelos ‘tribais’ no supermercado de consumos, fomenta narcisismo, oferece modelos à escolha destes jovens, converte telas e imagens em espelhos dos seus ‘eus’ imaginários. Ao mesmo tempo em que esta pedagogia constitui a ‘vida social’ para a juventude como um enfrentamento entre a ordem e a delinquência, oferece, também, modelos de proteção para a mesma delinquência. O fato é que, no meu entender, a ‘tribalização’ juvenil se dá, também, através da estreita relação que há entre os jovens com o sistema midiático.

A ativação, no Brasil, por exemplo, de uma classe média ‘emergente’ também caracteriza uma condição juvenil e com ela algumas representações dominantes que não se constroem no vazio, mas através de um marco amplo de interações sociais, nas quais parece que sua prevalência parece se dar num marco de ‘disputas’ e de ‘seleções’ onde os ‘outros’ são segregados. São jovens urbanos e rurais – dado ao vasto acesso atual de internet – que consomem os mesmos canais televisivos, as mesmas rádios, os mesmos *shows* de música, os mesmos CDs, os mesmos Pen Drives, ou mesmo atualmente, as mesmas seleções musicais em seus aplicativos no celular como o *Spotify*, as mesmas bandas e eles discutem sobre elas.

### ***É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi*<sup>9</sup> – Indo para o final, voltando ao início**

Afirmar que se ‘é jovem’, numa leitura atual, é dizer que se é dono de uma identidade juvenil – é assumir uma prática cultural – , uma “vivência como se tivesse havido uma categorização anterior pela biologia e só agora estamos nos livrando disso” (VEIGA-NETO 2000b, s/p)<sup>10</sup>. O autor assinala que a juventude e a biologia foram inventadas juntas; entretanto, essa distinção da corporeidade – crianças, jovens, adultos, idosos... – parece ficar num segundo plano em relação aos marcadores identitários; assim,

o vestuário, os adereços [...] as marcas físicas [...] a gesticulação, o modo de falar [...] acabam funcionando não só para representar um determinado grupo étnico [ou uma "tribo", afirmo eu], como, ao mesmo tempo, para representar esse ou aquele grupo etário (VEIGA-NETO, 2000a, p.217).

Para encerrar essas considerações sobre a multiplicidade de entendimentos de ‘juventudes’, sirvo-me das palavras de Veiga-Neto (2000a, p.215): "Minha idade? Não sou eu que a tenho. É ela

---

<sup>9</sup> Vide Nota de Rodapé n. 2.

<sup>10</sup> Anotações de aula proferida por Veiga-Neto, dia 14 de abril de 2000 na FAGED/PPGEDU/UFRGS.

que me tem”. Torna-se assim evidente que, “mais do que ter uma idade, pertencemos a uma idade. Os anos nos têm e nos fazem; fazem com que sejamos crianças, adultos ou velhos. E isto, apesar da relativa flutuação das fronteiras culturais [musicais] legislativas ou administrativas, nos situa uns e outros em grupos socialmente definidos” (Lloret, 1998, p.14).

Não há um único e imutável olhar sobre algum artefato, objeto, pessoa, conceito ou teoria [...] há, sim, muitos olhares, olhares que se modificam quando discursam e são modificados por outros, à medida de seus enunciados e interlocutores, no mais profundo sentido foucaultiano sobre o conceito de discurso, como ele mesmo escreveu: “[...] meu discurso, longe de determinar o lugar de onde fala, evita o solo em que se poderia apoiar. É um discurso sobre discursos [...]” (FOUCAULT, 1986, p.233).

\*\*\*

*Colega Alfredo: Gratidão, nos três níveis, inspirada em São Tomaz de Aquino. Gratidão pelas parcerias acadêmicas, pelas aprendizagens. Gratidão pelas lições de humildade, pelo respeito, pelas acolhidas, pelas escutas. Oxalá sigamos juntos na vida acadêmica. Porque sozinhos, nada fazemos.*

## Referências

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

ABREU, Alzira Alves de. Quando eles eram jovens revolucionários. In: VIANNA, Hermano (Org.). *Galerias Cariocas – territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p.181-205.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites Nômades – espaços e subjetividades nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas Extremas – mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

DAYRELL, Juarez. *Juventude, grupos de estilo e identidade*. Educação em Revista, n. 30, p. 25-39, dez., 1999.

FEIXA, Carlos. *De Jóvenes, Bandas y Tribus – Antropología de la Juventud*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A. 1999.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. “Poder-corpo”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p. 145-152.

FOUCAULT, Michel. “O olho do poder”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001b, p. 209-227.

GARBIN, Elisabete Maria. Cenas Juvenis em Porto Alegre: ‘Lugarizações’, nomadismos e estilos como marcas identitárias. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. (p. 199-215)

GARBIN, Elisabete Maria. [www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br](http://www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br): um estudo de chats sobre música na internet. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: agosto de 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Revista *Educação e Realidade*. FAGED/UFRGS, Porto Alegre. v.22, n.2, jul./dez. 1997, p.15-46.

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *História dos Jovens: da Antiguidade à Era Moderna*. Trad. Claudio Marcondes Filho, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LLORET, Caterina. “As outras idades ou as idades do outro”. In: LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Pérez de. *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1998. p13-23.

MARGULIS, Mário e URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de la juventud. In: CUBIDES, Humberto J., TOSCANO, María Cristina Laverde, VALDERRAMA, Carlos Eduardo H., (ed) “*Viviendo a toda*” – Jóvenes,

territorios culturales y nuevas sensibilidades. Série Encuentros, Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá: Paidós, 1998.

MARGULIS, Mário. *Globalización y Cultura*. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, UBA. Disponível em: <<http://www.fsoc.uba.ar/Publicaciones/Sociedad/Soci09/margulis.html>> Acesso em: 16 mar. 2001a

MARGULIS, Mário. Juventud: una aproximación conceptual In: BURAK, Solum Donas (comp) *Adolescencia y Juventud en la America Latina*. Costa Rica: Libro Universitario regional, 2001b, p.41-55.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Coleção Análise Social. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993.

VALENZUELA, José Manuel. Identidades Juveniles. In: CUBIDES, Humberto J., TOSCANO, María Cristina Laverde, VALDERRAMA, Carlos Eduardo H., (ed) "*Viviendo a toda*" – Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Série Encuentros, Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá: Paidós, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Anotações de aula* proferida na Faculdade de Educação, Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul dia 14 de abril de 2000b.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (corporal)idades, (ident)idades... In: AZEVEDO, José Clóvis de; GENTILI, Pablo, KRUG, Andréa, SIMON, Cátia, (Org.). *Utopia e Democracia na Educação Cidadã*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000a.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Informações sobre conceitos de lugar/espço/território. [*Mensagem pessoal*] Mensagem recebida para <[emgarbin@terra.com.br](mailto:emgarbin@terra.com.br)> em 21 de julho de 2006, s/p.

VELOSO, Caetano. Sampa. In: *Muito (Dentro da Estrela Azulada)*. Disco em vinil e em CD. São Paulo: Polygram, Faixa 7, 03:16, 1978.